

## UMA ETNO-HISTÓRIA PARA O MUNICÍPIO DE CRUZ ALTA - RS

**ALMEIDA, Fernando Silva de<sup>1</sup>; CARLE, Cláudio Baptista<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – fernando\_almeida@ymail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – cbcarle@yahoo.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho está relacionado ao projeto de mestrado introduzido no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas. Diz respeito aos materiais líticos superficiais encontrados no noroeste do Rio Grande do Sul, na cidade de Cruz Alta. A partir dessa cultura material pré-colonial se desenvolveu uma pesquisa bibliográfica sobre sítios arqueológicos encontrados na região a partir das atividades do PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas) e levantamento de fontes que apontam a presença de grupos indígenas em períodos históricos mais recentes. Esta construção etno-histórica a respeito dos grupos indígenas que ocuparam – e ainda ocupam – a região se consolida a partir de uma história oficial do município, que atribui aos “bravos” tropeiros a glória pelo povoamento inicial do noroeste.

Não deixo de mencionar e agradecer ao auxílio financeiro da CAPES para a construção desta pesquisa.

### 2. MATERIAL E MÉTODOS

Cruz Alta é um município gaúcho que se localiza no noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Encontra-se em um divisor de águas entre as bacias dos rios Ijuí (oeste) e Jacuí (leste). Próximo ao município cruzam dois arroios que são de significativa importância para esta pesquisa de mestrado, que são os arroios Cambará e Panelinha, ambos pertencentes à bacia do Rio Ijuí. Nesses locais encontramos alguns materiais arqueológicos pré-coloniais.

Tratam-se de materiais localizados superficialmente em uma área agrícola da Universidade de Cruz Alta (Unicruz) a partir de um projeto de iniciação científica, de 2007, denominado *A lição do tempo na dinâmica do espaço missionário: Levantamento em Arqueologia e Valorização Patrimonial entre Cruz Alta e Santo Ângelo*, construído pelo Prof. Dr. Cláudio Baptista Carle e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

Esses achados deram início a um projeto de mestrado que busca compor uma Etno-História para a região, a partir de evidências bibliográficas e arqueológicas. Isso porque associamos as evidências arqueológicas pré-coloniais como parte da história indígena da América. Trata-se de um objetivo possível, em função de autores que argumentam que a Etno-História não é um campo de pesquisa definido (OLIVEIRA, 2002) e que o conceito se adapta a cada um que o utiliza (ROJAS, 2008, p. 31). José Luis de Rojas, utilizando uma discussão sobre a definição do conceito de Etno-História – na celebração dos 10 anos de existência do Departamento de Etnohistoria do Instituto Nacional de Antropologia e História do México – citou: “La etnohistoria: de que la hay, la hay” (BOHM, 1988 apud ROJAS, 2008, p. 29).

Algumas pessoas que escreveram sobre Cruz Alta – autores locais principalmente – o fizeram como se a história desse município fosse a história dos grandes heróis que, sozinhos, conquistaram a terra e formaram a cidade. É o que alega Isaltina Pilar, por exemplo, falando sobre o município: “CRUZ ALTA, terra querida, terra de bravos, berço de grandes homens que a honraram e engrandeceram” (1981, p. 76).

Em textos acadêmicos com focos específicos para a região noroeste do Rio Grande do Sul, encontramos fontes para trabalhar com a Etno-História e a importância dos grupos indígenas na história da ocupação da região, como importantes personagens do povoamento e da formação do município de Cruz Alta. Existem pesquisas sobre a presença indígena na bibliografia sobre a rota missionária de comércio de erva-mate, realizada por índios Guaranis, que cruzava o atual município de Cruz Alta e também sobre os constantes conflitos entre tropeiros e Kaingangs no espaço onde se formou essa cidade (nos dias de hoje ainda vemos grupos Kaingangs visitando o local). Além disso, a presença de grupos indígenas no noroeste do Estado é identificada a partir da cultura material pré-colonial encontrada no município em 2007 e nas prospecções realizadas pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na década de 60 no noroeste do Estado.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Existe uma série de ocupações arqueológicas relacionadas aos grupos Guaranis evidenciadas e cadastradas no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), ao longo da bacia do Rio Ijuí, e também da bacia do Rio Jacuí, as duas bacias hidrográficas mais próximas do município de Cruz Alta, o que leva a crer que provavelmente na microrregião de Cruz Alta possam existir mais sítios arqueológicos que comprovem essa presença indígena.

O principal responsável por prospectar sítios na região onde se situa Cruz Alta foi o pesquisador José Proenza Brochado. Conforme Adriana Dias,

as pesquisas de Brochado tiveram início somente a partir do segundo ano de implementação do Programa [PRONAPA], [...]. Entre 1966 e 1967, Brochado prospectou sítios arqueológicos [...] no noroeste do Estado, privilegiando, contudo, o vale do rio Ijuí (BROCHADO, 1969a: 11-32). Entre 1967 e 1968, suas pesquisas desenvolveram-se em três áreas no centro do Estado. A primeira contemplou os vales dos rios Ibicuí-mirim e médio Jacuí, na sua evasão do planalto. A segunda área abrangeu as nascentes do rio Ijuí e o alto rio Jacuí, estando a última área situada no divisor de águas entre os rios Piratini e médio Ijuí (BROCHADO, 1969b: 31-64). Entre 1968 e 1969, Brochado prosseguiu os trabalhos entre os vales dos rios Jacuí e Ibicuí-mirim, estendendo-os, no entanto, para oeste até o rio Toropi e para o sul até as drenagens dos rios Vacacaí e Vacacaí-mirim (Brochado, 1971:11-36). [...] (DIAS, 1994, pp. 47-48).

As áreas próximas ao município de Cruz Alta foram contempladas pelo programa. José Proenza Brochado identificou principalmente sítios associados à tradição arqueológica Tupiguarani e em alguns desses sítios foram identificados fragmentos de cerâmica Taquara – e aí há a discussão sobre a associação dessa tradição arqueológica com os povos indígenas do tronco linguístico Jê, como os

Kaingangs – interpretados a partir de um possível contato cultural entre Guaranis e Kaingangs.

Outras evidências da presença Guarani no território da atual Cruz Alta são os caminhos missioneiros – citados em fontes históricas e em trabalhos científicos (SOUZA, 1998; QUEVEDO, 2009; ROCHA, 1980) – que posteriormente foram reutilizados por tropeiros, bandeirantes paulistas, viajantes, etc. Boa parte desses caminhos passava pelo atual território do município de Cruz Alta.

Além disso, percebe-se que em períodos históricos, outros grupos indígenas mantiveram contatos com tropeiros e sesmeiros na região de Cruz Alta. Fontes históricas indicam a presença de grupos Kaingangs vivendo no local onde se estabeleceu a cidade. Segundo José Otávio Catafesto de Souza,

[...] grupos kaingang vagavam pelo interior das matas do rio caí, das antas, alto-taquari e alto-jacuí. Ambos os grupos atravessavam os campos do planalto e sobreviviam, sazonalmente, dos recursos alimentares obtidos nas concentrações nativas de pinheiro araucária, distribuídas no ecótono de junção entre os matos fluviais e os campos de cima da serra (1998, p. 306).

Ítala Basile Becker, argumentando sobre o processo de ocupação colonial no Rio Grande do Sul (2006, p. 127), reconhece a presença de índios Kaingangs vivendo no local onde hoje se situa Cruz Alta, mesmo em períodos posteriores à formação do povoado, quando fala na criação de aldeamentos na região.

O que se sabe é que, esses grupos indígenas Kaingangs que vivem aqui desde períodos coloniais, até hoje estão em Cruz Alta e participaram, no ano de 1997, de processos reivindicatórios a respeito de seus direitos originários sobre a Terra Indígena da Borboleta, próxima ao município de Espumoso-RS, tal como afirma José Otávio Catafesto de Souza:

Três dias depois, João chamou uma reunião na Vila Safira (sopé do Morro Santana) para parentes e entidades, relatando o encontro em Passo Fundo e apoiando a idéia de muitos descendentes residentes em Cruz Alta, Pejuçara, Fortaleza dos Valos e Salto do Jacuí, no sentido de fazer uma ocupação coletiva de caráter político, talvez dentro da área reivindicada (1998, p. 170).

Vale lembrar também que esses Kaingangs, por meio de suas reivindicações, já estabeleceram acampamentos inclusive em praça pública da cidade:

Em 03 de agosto [de 1997], uma nova etapa do movimento foi deflagrada. O acampamento na praça central em Cruz Alta e a tomada da sede da FUNAI em Passo Fundo foram efetivados, reivindicando apenas continuidade de tramitação do processo que movem na FUNAI. Uma pequena comitiva de representantes da Borboleta foi ter uma audiência com o presidente da FUNAI em Brasília. Um pouco depois, a ocupação foi transferida da praça de Cruz Alta para o terreno ao lado da câmara de vereadores da cidade de Salto do Jacuí. O movimento teve sucesso rápido, em parte pela grande repercussão do assunto na imprensa (SOUZA, 1998, p. 175).

Nessas reivindicações, os grupos Kaingang de Cruz Alta já contaram inclusive “[...] com o apoio da Associação de Moradores de Cruz Alta, além de alguns sindicatos daquela cidade” (SOUZA, 1998, p. 170).

#### 4. CONCLUSÕES

É importante ver que apesar de a região ter sido pouco explorada arqueologicamente, podemos pensar na busca de evidências sobre a presença indígena na região, bem como no planejamento e realização de novas prospecções arqueológicas, a fim de localizar mais sítios e pensar em estudos em um nível regional. Segundo Sirlei Hoeltz, se exigem estudos mais aprofundados, “novas propostas teórico-metodológicas aliadas a contextos de caráter regional, reflexos de sua extrema complexidade” (2005, p. 18).

Além disso, a construção de um projeto que busca compreender a história indígena em uma região com uma identidade marcada por discursos de progresso e bravura de grandes heróis, é um importante passo para que se possam criar diálogos a partir de histórias alternativas.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Í. I. B. **O que sobrou dos índios pré-históricos do Rio Grande do Sul – Ítala Irene Basile Becker (pp. 125-148)**. In: Documentos 05. 2 ed. Instituto Anchietano de Pesquisas – UNISINOS São Leopoldo, RS, Brasil, 2006.

DIAS, A. S. **Repensando a tradição Umbu a partir de um estudo de caso**. 1994. Dissertação de Mestrado - Porto Alegre: PUCRS.

HOELTZ, S. E. **Tecnologia lítica: Uma proposta de leitura para a compreensão das indústrias do Rio Grande do Sul, Brasil, em tempos remotos**. 2005. Tese de Doutorado - Porto Alegre: PUCRS.

OLIVEIRA, J. E. **Da pré-história à história indígena: (re) pensando a arqueologia e os povos canoeiros do Pantanal**. 2002. Tese de Doutorado - Porto Alegre: PUCRS.

QUEVEDO, M. S. **Estudo sobre a erva-mate no planalto gaúcho: o município de Cruz Alta na metade do século XIX**. Trabalho de Conclusão de Curso, Cruz Alta: Unicruz, 2009.

ROCHA, P. **A história de Cruz Alta**. 2 ed. Cruz Alta: Mercúrio Ltda, 1980.

ROJAS, J. L. **La etnohistoria de America: Los indígenas, protagonistas de su historia**. Buenos Aires: SB, 2008.

ROSA, I. V. P. **Cruz Alta: Histórias que fazem a história da cidade do Divino Espírito Santo da Cruz Alta**. Tipo Editor: Rio, 1981.

SOUZA, J. O. C. **Aos “Fantasmas nas Brenhas” etnografia, invisibilidade e etnicidades alteridades originárias no sul do Brasil (Rio Grande do Sul)**. 1998. Tese de doutorado - Porto Alegre: PPGAS/UFRGS.